

PRÁTICAS DE LETRAMENTO DE TURMA DE PRÉ-ESCOLA: ESTRATÉGIAS ORAIS LETRADAS

Leticia de Aguiar **Bueno** – PPGEDU/FURG

Silvana Bellé **Zasso** – FURG

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

Este trabalho apresenta dados de uma pesquisa realizada em 2014, sobre práticas de letramento em uma turma de pré-escola, de uma escola rural localizada na Ilha dos Marinheiros, município de Rio Grande – RS. A perspectiva teórica parte dos estudos de Street (2003), Kleiman (1995), Marinho (2010) e Manrique e Rosemberg (2000). Neste artigo, discutimos, a partir de uma perspectiva etnográfica de investigação (ALMEIGEIRAS, 2007; GUBER, 2014), as estratégias orais letradas utilizadas pelas crianças e pela professora em diferentes momentos de uma atividade realizada diariamente na turma observada, a qual é denominada pelo grupo como: rodinha.

Os dados demonstram que os diálogos partem de diferentes estratégias: uma em que a interlocução é mais fechada, restringindo a participação das crianças e outra que possibilita participação maior em que as crianças, através de estratégias orais letradas, apresentam aspectos da sua realidade. Assim, o estudo referente à rodinha demonstrou que as crianças e a professora possuem estratégias orais letradas que são modificadas a partir das condições de uso da escrita nos diferentes contextos em que estão inseridas.

Palavras-chaves: letramento, oralidade, interação

PRÁTICAS DE LETRAMENTO DE TURMA DE PRÉ-ESCOLA: ESTRATÉGIAS ORAIS LETRADAS

Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar dados de uma pesquisa realizada em 2014, sobre letramento em uma turma de pré-escola, de uma escola rural do município de Rio Grande – RS, a partir dos pressupostos de Street (2003), Kleiman (1995), Marinho (2010) e Manrique e Rosemberg (2000). Trata-se de uma pesquisa de abordagem etnográfica (AMEIGEIRAS, 2007; GUBER, 2014) que buscou compreender, a partir da observação participante, as práticas de letramento desenvolvidas por um grupo de crianças em situações de interação em sala de aula.

Dentre as diferentes situações em que a escrita esteve presente ao longo do ano de 2014, escolhemos para discutir neste trabalho uma que foi realizada diariamente na turma observada, a qual é denominada pelo grupo de rodinha. As seguir apresentamos e, problematizamos situações de interação das crianças entre si e delas com a professora envolvendo escrita e oralidade.

A rodinha como prática de letramento: estratégias orais letradas

Esta pesquisa foi realizada em uma turma de pré-escola composta por 16 crianças, 6 meninas e 9 meninos com idades entre 4 e 6 anos, de uma escola localizada na Ilha dos Marinheiros, no interior do município de Rio Grande – RS. Ao total a escola atende 45 crianças desde a pré-escola até o 4º ano, de uma comunidade que vive basicamente da agricultura familiar e da pesca artesanal.

No decorrer da pesquisa, foram realizadas 10 observações, oito delas em sala de aula e duas em momentos de festividade da escola. Dos oito dias que acompanhamos as crianças em sala de aula foi possível perceber que, em todos eles foi realizada a rodinha.

A partir da sistematização dos dados, identificamos que o momento da rodinha é permeado pela interação das crianças entre si e com a professora principalmente através da oralidade, tendo como suportes: o quadro negro, os cartazes, os livros infantis e os cadernos de registros da turma. Optamos por discutir neste trabalho, as várias estratégias orais letradas utilizadas pelas crianças e pela professora em diferentes momentos da rodinha, entendendo que a mesma se configura como uma prática de letramento da turma.

A expressão ‘eventos de letramento’ foi utilizada por Shirley Heath (1982) para definir “[...] qualquer ocasião em que um texto escrito faça parte da natureza das interações dos participantes e de seus processos interpretativos” (STREET, 2003, p. 6).

A partir desta expressão Street (2003) propõe o conceito ‘prática de letramento’ como uma forma de perceber aspectos que possibilitem encontrar padrões nesses eventos, de maneira que a essas práticas sejam atribuídas significado dentro de um contexto social e ou cultural mais amplo. Assim “o conceito das práticas de letramento tenta tanto tratar dos eventos quanto dos padrões que tenham a ver com o letramento, tratando de associá-los a algo mais amplo, de uma natureza cultural e social” (STREET, 2003, p. 7). Neste sentido, entendemos que a atividade da rodinha configura-se como uma prática de letramento na turma investigada, com padrões e significados para as crianças e para a professora da turma, situado naquele contexto cultural específico.

Através das observações foi possível perceber que há uma rotina estável desenvolvida na rodinha, que se organiza em três momentos. O primeiro se constitui na professora questionando as crianças sobre os dias da semana, o mês, o tempo e o número de alunos. No segundo momento as crianças contam as novidades e/ou leem os livros que levaram para casa no dia anterior e, no terceiro, a professora faz a leitura em voz alta do caderno de registros da turma. Optamos por discutir situações referentes ao primeiro e segundo momento por identificar diferentes modos de interação em cada um deles.

A seguir apresentamos um fragmento de diálogo do primeiro momento da rodinha.

Evento 1:

Prof^a. Então, que dia é hoje?

Josefina¹. Quarta - feira

Prof^a. Ah, muito bem. (a professora começa a escrever no quadro o dia da semana)[...]

Prof^a. E amanhã? Se hoje é quarta que dia é amanhã?

Josefina. Sexta-feira

Prof^a. Não

Raíssa. Quinta

Prof^a. Quinta-feira

¹ O nome das crianças foi modificado respeitando a privacidade das mesmas. As escolhas dos codinomes foram realizadas por elas.

Mc Gui. Quinta-feira? (vira para a Nicole) (TRANSCRIÇÃO DIA 1 DE OUTUBRO DE 2014).

No excerto acima percebemos que a professora é quem conduz o diálogo, realiza as perguntas, possui o maior turno de falas na conversa e afirma ou refuta alguma afirmação realizada pelas crianças. Ao mesmo tempo, as crianças respondem, de forma direta, o que foi perguntado uma vez que as possibilidades de resposta são restritas.

Segundo Manrique e Rosemberg (2000):

Los derechos de participación de los niños y también sus responsabilidades en la producción de la conversación están muy restringidas por el control del maestro/a, control que se hace evidente, no solo porque es él/ella quien habla la mayor parte del tiempo y a quién se dirigen la atención y las intervenciones de los niños, sino además porque generalmente formula preguntas cerradas que limitan la participación de los niños a una breve respuesta o frase elíptica (p. 32).

Considerando que esse tipo de diálogo apresentado no evento 1 foi evidenciado todos os dias em que observamos a aula, é possível afirmar que existe um padrão de comportamento, em que a professora pergunta e as crianças respondem, constituindo-se, dessa forma, em uma prática de letramento. A relação e os sentidos estabelecidos no momento da rodinha são compartilhados entre seus participantes, e os sentidos atribuídos à escrita dependem dos contextos e das instituições em que elas foram vivenciadas (STREET, 2003).

As estratégias utilizadas pela professora ao problematizar os dias da semana, através de questionamentos e a forma de participação das crianças, com respostas curtas, tem relação com as condições de usos da escrita, dos objetivos da ação, os quais podem ser modificados à medida que as condições forem mudando.

No diálogo apresentado no evento 1, a escrita não se configura como eixo principal, mas como registro, e são as práticas orais que propiciam as reflexões do grupo. Neste caso, a professora utiliza o quadro como uma forma de registrar o dia da semana, possibilitando a visualização da escrita pelas crianças. Segundo Marinho (2010),

[...] o conceito de letramento se institui e se constitui na interface com a oralidade, com quem estabelece uma relação de interdependência. A oralidade é o contexto propiciador das práticas de escrita (p. 80).

Dessa forma, é possível identificar uma prática letrada a partir de interações orais de um determinado grupo que estão relacionadas ou que proporcionam a reflexão sobre a escrita. Isto permite afirmar que o diálogo desenvolvido pelas crianças e pela professora, no evento 1, pode ser entendido como prática de letramento.

Segundo Kleiman (1995) antes mesmo de serem alfabetizadas as crianças são letradas, no sentido de terem estratégias orais letradas. Para ela, “As práticas de letramento das crianças mudam de acordo com as condições de uso da escrita em determinado momento da aula. Ou seja, a forma como as crianças respondem à professora na rodinha é diferente do momento em que contam história, por exemplo” (KLEIMAN, 1995, p. 19).

A seguir apresentamos o diálogo estabelecido no segundo momento da rodinha.
Evento 2

Josefina. Sabia que eu e o meu pai

Oso. Não conta mentira Josefina

Josefina. Fomos lá no barco e nós pesquemo, eu pesquei um camarão desse tamanhozinho (movimenta as mãos imitando o tamanho do camarão)

Profª. Agora não é época de camarão né Josefina. Quando é que se pesca camarão?

Josefina. É inverno

Profª. Quando é que tem camarão na Ilha?

Larissa. No verão

Profª. No inverno?

Larissa. No verão

Josefina. Só tem peixe

Josefina. Aí, eu e o meu pai, pesquemo um peixinho desse tamanho (movimenta as mãos imitando o tamanho do peixe).

[...] (TRANSCRIÇÃO DIA 1 DE OUTUBRO DE 2014).

O diálogo desenvolvido pelas crianças e a professora no excerto acima demonstra que a forma de interação se modifica. A compreensão de que esse momento de contação das novidades diferencia-se do momento de problematização dos dias da semana proporciona às crianças entenderem que o propósito da atividade mudou e que, portanto, sua forma de interação também se altera. Para Castanheira, Green e Dixon (2007) o letramento é "[...] um processo dinâmico em que o significado de ação letrada é continuamente construído e reconstruído por participantes, quando se tornam membros de um grupo social" (p. 9).

No evento 2 também é possível identificar aspectos da cultura local na fala das crianças. Segundo Manrique e Rosemberg (2000) a participação da criança em atividades de construção colaborativa do discurso, mediadas por um adulto, possibilita à mesma desenvolver não apenas aspectos linguísticos, mas também socioculturais, os quais se tornam significativos por estarem relacionados à realidade em que a criança está inserida.

Ainda no evento 2 a forma de interação da professora também se difere da utilizada no evento 1, uma vez que retoma e esclarece aspectos que surgem no decorrer dos diálogos. Assim, ao perceber que Josefina, ao contar a história, equivocava-se no que diz respeito à época em que é realizada a pesca do camarão, a professora participa com o intuito de corrigi-la, recorrendo a um conhecimento que é específico da realidade da criança.

Neste sentido, é possível perceber que os diálogos apresentados são desenvolvidos a partir de diferentes estratégias, o primeiro parte de uma interlocução mais fechada, restringindo a participação das crianças. O segundo, possibilita uma participação maior em que as crianças, através estratégias orais letradas, apresentam aspectos da sua realidade.

Em suma, os dados apresentados chamam a atenção para a necessidade de um olhar mais atento para as relações entre oralidade e escrita uma vez que as estratégias orais letradas identificadas são modificadas a partir das condições de uso da escrita nos diferentes contextos em que estão inseridas.

Referencias bibliográficas

AMEIGEIRAS, Aldo Rubén. El abordaje etnográfico en la investigación social. In: GIALDINO, Irene Vasilachis (Org.). Estratégias de investigação qualitativa. Buenos Aires: Gedisa, 2007. p. 107 – 151.

CASTANHEIRA, Maria Lucia; GREEN, Judith L.; DIXON, Carol N.. Práticas de letramento em sala de aula: uma análise de ações letradas como construção social. Revista Portuguesa de Educação, vol. 20, n. 2, PP. 7-38, 2007. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37420202>, último acesso em setembro de 2014.

GUBER, Rosana. La etnografía: Método, campo e reflexividad. – 1ª Ed. 2ª reimpr.- Buenos Aires : Siglo Veintiuno Editores, 2014.

HEATH, S. B. What no bedtime story means: narrative skills at home and school in Language and Society, vol. 11, 1982. pp. 49-76

KLEIMAN, Ângela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas : Mercado de Letras, 1995. p. 15 – 64.

MANRIQUE, Ana Maria B.; ROSEMBERG, Célia Renata. **El desencuentro entre el hogar y la escuela: las causas del fracaso escolar.** In: MANRIQUE, Ana Maria B.; ROSEMBERG, Célia Renata (Orgs.). Leer y escribir entre dos culturas: El caso de las comunidades kollas del noroeste argentino. Buenos Aires : Talleres Gráficos D'Aversa e hijos S.A., 2000. P. 23 – 82.

MARINHO, Marildes. **Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito.** In: MARINHO, M e CARVALHO, GT. (Orgs.). Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2010. p. 33 – 53.

STREET, Brian. **Abordagens Alternativas ao Letramento e Desenvolvimento.** Palestra apresentada durante a Teleconferência Unesco Brasil sobre 'Letramento e Diversidade. King's College, Londres, 2003. Disponível em <http://pt.scribd.com/mobile/doc/101654340?width=793>, último acesso em agosto de 2013.